

**A GRANDE GUERRA DA AMÉRICA DO SUL NOS LIVROS
DIDÁTICOS BRASILEIROS: Alguns destaques**

CLEBERSON VIEIRA DE ARAÚJO

Doutorando em Ciências da Educação (UTIC)

E-mail: historia-geral@bol.com.br

Artigo apresentado ao “I Simposio Internacional de Investigación Científica en la
Educación”.

ASSUNÇÃO – Paraguai
Julho - 2017

ÍNDICE

RESUMO	03
1 INTRODUÇÃO	05
2 DESTAQUES DA GRANDE GUERRA: ENTRE A LITERATURA ACADÊMICA E A ESCOLAR	06
2.1 O livro didático e a Grande Guerra	08
2.2 Analisando um livro didático brasileiro do Ensino Fundamental	09
2.2.1 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Grande Guerra.....	11
3 CONCLUSÕES	14
4 REFERÊNCIAS	15

A GRANDE GUERRA DA AMÉRICA DO SUL NOS LIVROS DIDÁTICOS BRASILEIROS: Alguns destaques

Cleberon Vieira de Araújo – Doutorando em Ciências da Educação (UTIC)

E-mail: historia-geral@bol.com.br

Resumo

A Grande Guerra, Guerra da tríplice Aliança, Guerra Guasú ou simplesmente a Guerra do Paraguai, como é mais conhecida no Brasil, é apontada por muitos historiadores como sendo o maior conflito bélico já travado na América do Sul, porém nem sempre tratada com o devido respeito e atenção nos livros didáticos. Vale ressaltar que o seu desfecho não trouxe grandes resultados nem para vencedores e nem para vencidos. A real história desse conflito ainda conta com lacunas que a academia, em vários países, mesmo fora da América Latina, estuda e analisa as questões, fontes físicas e documentos relacionados para melhor entendê-la. As escolas, por consequência, não tratam desse tema com o devido respeito e fidelidade aos fatos, talvez pela ausência de um currículo definido. Assim, esse breve trabalho se faz importante por apresentar uma reflexão acerca do conflito citado (a Guerra do Paraguai) e sua relação com o livro didático e a escola básica brasileira. Seu principal objetivo é discutir o conflito mediante o exposto em livros didáticos associado a estudos de especialistas que se dedicam as pesquisas de temáticas que envolvem a Guerra do Paraguai e percebendo como esse conteúdo se apresenta para alunos e alunas do Ensino Fundamental no Brasil. A metodologia utilizada é qualitativa e baseia-se na análise do livro didático “*Estudar história – Das origens dos homens à era digital*” de autoria de Patrícia Ramos Braick (2011) e ainda apoia-se na literatura disponível dando destaque a Costa (2015), Gutiérrez (2013), Narloch (2011), entre outros. Com isso, tem-se um tema que vai além do Brasil e atinge todos os países que se envolveram direta ou indiretamente no conflito e cujos resultados, que são discutidos na academia, nem sempre chegam até os bancos escolares, ficando a comunidade como um todo alheia aos conhecimentos e descobertas feitos e entendendo parcialmente um tema

que poderia ser central na história do país, que por vezes é estereotipado ou nem mesmo mencionando já que o livro didático ainda é uma das principais fontes de pesquisa nas escolas brasileiras no que diz respeito às aulas de história.

Palavras-chave: História. Livro Didático. Guerra do Paraguai.

1 INTRODUÇÃO

Estudar um conflito armado de mais de 150 anos não é uma tarefa das mais simples e requer tempo e dedicação para fazê-lo de forma a satisfazer as muitas necessidades de uma pesquisa.

Detalhar o muito que se tem escrito, sem envolver-se em polêmicas, é também desafiador e mais ainda se o conteúdo que se apresenta é resumido de forma a não apresentar todas as faces de um conflito longo e que ainda é tema de estudos.

Em um momento peculiar de discussão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Fundamental e Médio, o Brasil passa por uma reformulação e aponta novos caminhos para a educação. E, é nesse sentido, que surge a necessidade de discussão sobre os livros didáticos brasileiros e a abordagem sobre a Grande Guerra (que pode assumir outros nomes a exemplo de Guerra do Paraguai).

Assim, esse breve trabalho se faz importante por apresentar uma reflexão acerca da Guerra do Paraguai e sua relação com o livro didático e a escola básica brasileira.

Seu objetivo geral é discutir o conflito mediante o exposto em livros didáticos associado a estudos de especialistas que se dedicam as pesquisas de temáticas que envolvem a Guerra do Paraguai e percebendo como esse conteúdo se apresenta para alunos e alunas do Ensino Fundamental no Brasil.

A metodologia utilizada é qualitativa e baseia-se na análise do livro didático “*Estudar história – Das origens dos homens à era digital*” de autoria de Patrícia Ramos Braick (2011) e ainda apoia-se na literatura disponível dando destaque a Brasil (2017), Costa (2015), Gutiérrez (2013), Narloch (2011), entre outros.

2 DESTAQUES DA GRANDE GUERRA: ENTRE A LITERATURA ACADÊMICA E A ESCOLAR

Um conflito longo e que arrastou boa parte da América do Sul para o seu centro, sem vencedores, com muitos prejuízos, destruição e mortos, assim é comumente descrita a Guerra do Paraguai, uma das denominações que esse importante conflito recebe, a mais popular no Brasil e polêmica no Paraguai.

Para Doratioto (2006: 253) “*A Guerra do Paraguai foi o conflito internacional de maior duração e, possivelmente, o mais mortífero travado na América do Sul*”.

Diante dessa realidade, a literatura disponível aponta muitos aspectos do conflito sem, com isso, apresentar todos os seus ângulos ou opiniões já que há muito a ser pesquisado ainda já que se diz da existência de arquivos secretos que revelariam muito e ajudariam com as lacunas que se fazem presentes.

Entre os pontos, já largamente estudados sobre o conflito, destacam-se aspectos do cotidiano do Paraguai antes do início da contenda a exemplo do “*intenso nacionalismo que se construía [e] era mal observado pelo capital estrangeiro [...]*” (Prado, 2003: 01).

Mas, refutando parte da literatura largamente utilizada, vários autores já apontam para um país bem diferente do desenhado por autores do período ditatorial, bem desenvolvido, ao afirmar que,

[...] Antes de o Paraguai entrar em guerra, havia pouca coisa acontecendo por lá. O país era rural, atrasado, opressor e burocrático. Todo o dinheiro vinha da exploração da erva-mate, tabaco e madeira. Quase todas as terras, cerca de 90%, pertenciam à família de Solano López. (Narloch, 2011: 181).

Além dos embates no entorno do Paraguai antes do conflito, estão também às polêmicas que buscam destacar um possível “genocídio” tendo em vista a

impossibilidade de calcular o número de mortos na época ou mesmo quantos paraguaios existiam antes da guerra. (Narloch, 2011).

Outro episódio marcante trata da participação ativa da Inglaterra no conflito, mas, para Narloch (2011: 188) “[...] *Se houve alguém que tentou pacificar os paraguaios logo antes do conflito, foi o Império Britânico. A tese de que os ingleses eram vilões obcecados em fazer os sul-americanos se destruírem não tem provas nem coerência*”.

Entre polêmicas e lacunas históricas, a Guerra do Paraguai trás episódios marcantes e emblemáticos a exemplo da Batalha de “Acosta Ñu”, no Brasil conhecida como Batalha de Campo Grande, ocorrida já próximo do final da contenda quando o exército paraguaio já estava debilitado e passou a alistar até mesmo crianças para enfrentar o exército aliado e, “[...] *quienes observaban de cerca de los miembros del ejército quedaban espantados: Muchos niños y ancianos, soldados sobrevivientes de las anteriores batallas hombres en estado lamentable, enfermos y heridos, con precarios armamentos*”. (Gutierrez, 2013: 23).

Segue impressionando os detalhes dessa batalha ao destacar que membros do corajoso exército paraguaio, “[...] *simulando barbas oscuras para hacer creer a los enemigos que eran miembros de un ejército de adultos [...] para cubrir la retirada del mariscal López y sus tropas*”. (Gutierrez, 2013: 12).

Além da batalha mencionada, a qual foi favorecida com maior destaque por ter grande importância histórica tendo até mesmo uma data comemorativa associada a ela no Paraguai, o dia das crianças, outras foram travadas a exemplo da Batalha de Avaí, Retirada da Laguna, Batalha Naval do Riachuelo e Humaitá.

Com efeito, ao final do conflito, com a derrota e total destruição do Paraguai,

Proclama-se que a guerra não fora feita contra o povo paraguaio, mas contra o seu governo. A aliança institui os limites territoriais do Paraguai, o

desarmamento desta nação, bem como se impõe a este povo o pagamento das despesas de guerra. (Prado, 2003: 05).

Vale destacar que mesmo sendo considerada, desde o nome, como pertencente ao Paraguai, a Guerra teve forte impacto na política e na vida do Brasil, pois a partir dela houve forte crescimento do exército e o posteriormente o nascimento e fortalecimento da conspiração que sepultaria o império brasileiro sendo, assim,

[...] a Guerra do Paraguai foi um divisor de águas na história do Segundo Reinado do Brasil. Muitas questões haviam sido colocadas naquele momento. Algumas interpretações indicam que o Império começa a ruir nesse momento, sobretudo depois de um rompante de autoritarismo do imperador que levou a inversão partidária de 1868. (Costa, 2015: 134).

Assim, entre verdades e lacunas, o conflito segue sendo um importante tema para estudos mais aprofundados com suas muitas polêmicas e interpretações diversas permeando vencedores e vencido. Vejamos agora, como esse emblemático conflito chega aos livros didáticos do Ensino Fundamental no Brasil.

2.1 O livro didático e a Grande Guerra

Os livros didáticos no Brasil, em especial aqueles que são utilizados no Ensino Fundamental, não costumam explicar os conteúdos de forma detalhada fazendo com que o tema que deveria ser aprendido e refletivo fique apenas na mera informação.

Quando se está estudando história, essa é uma preocupação ainda maior por necessitar de maior detalhamento dos conteúdos e em uma realidade onde, na maior parte das vezes, o estudante só tem acesso ao livro como fonte de informação, se esse for falho irá comprometer todo o conhecimento que o aluno ou aluna possa a vir a ter de determinado tema.

Com isso, alguns temas são simplesmente negligenciados no currículo escolar, que até o presente momento é de responsabilidade do professor, que tem o poder de escolha sobre os mesmos.

Assim, alguns conteúdos e temas são escolhidos para serem trabalhados no ambiente escolar, em detrimento de outros, sempre a critério do professor.

É nesse contexto, que a Grande Guerra ou Guerra do Paraguai, muitas vezes é deixada de lado já que o livro quase nunca apresenta dados que venham a cativar alunos e professores em uma discussão acalorada e reflexiva, fazendo com que a temática seja tratada de forma superficial ou, pior, nem mesmo entre na relação de conteúdos separados pelo professor para discussão ao longo do ano de trabalho.

Assim, o livro didático passa a ser um reflexo da sociedade e do esquecimento ou pouco caso que se faz de episódios da história que deviam ser mais bem estudados já que um dos objetivos da escola é a formação do cidadão pleno.

2.2 Analisando um livro didático brasileiro do Ensino Fundamental

No Brasil, a ordem e a sequência do livro didático geralmente norteiam os professores de história quanto o que e como ensinar, tendo em vista ser a principal fonte da educação escolar brasileira.

Assim, para efeito de estudos, nesse breve trabalho é analisada a obra didática de Patrícia Ramos Braick *“Estudar história – Das origens do homem à era digital – 8º ano”*.

Vale salientar que a obra foi escolhida entre tantos livros didáticos distribuídos em escolas brasileiras e que essa possui características que são comuns em outras obras e ainda peculiaridades e especificidades, já que no Brasil não há, ainda, um currículo definido para o ensino de história.

Mas, no tocante a essa obra didática, o objetivo é analisar como a mesma trata do tema da *“Guerra do Paraguai”* no Ensino Fundamental brasileiro, se analisa o volume 3 (já que o livro faz parte de uma coleção de quatro volumes para o ensino

de história) que é o único a abordar o conflito que envolveu Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai.

Nesse livro, a Guerra é tratada quase que no final da obra e conta com, somente, duas páginas (258 e 259) que entre textos e imagens tentam explicar sobre o conflito armado.

Diante da realidade brasileira, os conteúdos que ficam próximo ao final do livro raramente são vistos e com isso esse conflito passa despercebido pela maior parte dos alunos e alunas que frequentam o ensino fundamental no Brasil, salvo casos em que as cidades ou estados participaram ativamente da Guerra e exigem o tema como face importante da história local, a exemplo daqueles que estão localizados em áreas de fronteira.

A respeito do livro didático, a autora que abre o breve texto com uma imagem de Francisco Solano López, e afirma que a Guerra do Paraguai foi o *“maior mais importante conflito ocorrido na América do Sul”*. (Braick, 2011: 258).

Após anunciar o conflito e fazer alusão a sua importância, o livro passa a contar parte da história do Paraguai, sua relação com os vizinhos, dependência do Rio da Prata e questões de governança interna, no subtítulo *“O Paraguai antes da guerra”* que é ilustrado com um mapa de rotas de guerra (na página 258).

E, por fim (na página 259), no subtítulo *“Eclode o conflito”*, a autora tenta explicar, sem detalhar ou citar o nome de nenhuma das batalhas, o conflito desde a questão uruguaia até a derrota do Paraguai pontuando a importância de Caxias, a morte de López e o quanto o país derrotado ficou arrasado ao final da contenda que se estendeu até 1870, acompanha essa página a pintura *“A paraguaia”* e uma charge do semanário *“O Cabrião”* sobre o recrutamento de soldados por parte do Brasil.

Portanto, com texto simples, limitação de imagens e dados insuficientes, à coleção que tem por objetivo atender o Ensino Fundamental apresenta poucos dados e ilustrações o que faz com que se tenha um aprendizado e conhecimentos reduzidos sobre a Guerra levando a ignorância acerca de parte da história não apenas do Brasil, mas da América do Sul.

2.2.1 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Grande Guerra

O Brasil passa por uma série de mudanças que envolvem a educação e, entre essas, a elaboração da Base Nacional Comum Curricular.

Em seu próprio texto, o documento se define como,

[...] o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Aplica-se à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e indica conhecimentos e competências que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN), a BNCC soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (Brasil, 2017: 7).

Esse documento é produto de grande discussão que contou, e ainda conta, com a participação de toda a sociedade civil e política a exemplo de professores(as), alunos(as), pais/mães e militantes sociais tendo em vista que “*[...] será obrigatória, mas isso não significa ignorar a variedade cultural do país. O objetivo é que cada rede acrescente ao currículo elementos relacionados à realidade local*”. (Nova Escola, 2017: 2).

Como produto de uma discussão ampla ela visa dá espaço para a formação de um currículo nacional, mas que também abre espaço para as peculiaridades locais com a parte diversificada e “*como o próprio nome diz, base é o que sustenta. A BNCC é, portanto, o ponto de partida para a construção de um currículo, ao*

organizar e articular as habilidades a ser ensinadas ao longo da Educação Básica”. (Nova Escola, 2017: 3).

O documento contempla todas as áreas do conhecimento escolar e no tocante a área de ciências humanas e sociais aplicadas aponta que,

A área de Ciências Humanas contribui para que os alunos desenvolvam a cognição in situ, ou seja, sem prescindir da contextualização marcada pelas noções de tempo e espaço, conceitos fundamentais da área. Cognição e contexto são, assim, categorias elaboradas conjuntamente, em meio a circunstâncias históricas específicas, nas quais a diversidade – cultural, étnica, de gênero, entre tantas outras – deve ganhar especial destaque, com vistas ao acolhimento da diferença. O raciocínio espaço-temporal baseia-se na ideia de que o ser humano produz o espaço em que vive, apropriando-se dele em determinada circunstância histórica. A capacidade de identificação dessa circunstância impõe-se como condição para que o ser humano compreenda, interprete e avalie os significados das ações realizadas no passado ou no presente, o que o torna responsável tanto pelo saber produzido quanto pelo controle dos fenômenos naturais e históricos dos quais é agente. (Brasil, 2017: 305).

Quanto ao ensino de história, dentro do vasto campo das ciências humanas, a Base aponta para um ensino contextualizado e organizado de forma lógica e consistente apresentando aos alunos o “fazer história” como,

O exercício [...] de indagar, (que) é marcado, inicialmente, pela constituição de um sujeito. Em seguida, amplia-se para o conhecimento de um “Outro”, às vezes semelhante, muitas vezes diferente. Depois, alarga-se ainda mais em direção a outros povos, com seus usos e costumes específicos. Por fim, parte-se para o mundo, sempre em movimento e transformação. Em meio a inúmeras combinações dessas variáveis – do Eu, do Outro e do Nós –, inseridas em tempos e espaços específicos, indivíduos produzem saberes que os tornam mais aptos para enfrentar situações marcadas pelo conflito ou pela conciliação. (Brasil, 2017: 347).

Nesse sentido, a Base ainda apresenta os procedimentos básicos que o(a) professor(a) de história deve desenvolver no ensino da disciplina de história nos anos finais Ensino Fundamental e os estabelece pautados,

1. Pela identificação dos eventos considerados importantes na história do Ocidente (África, Europa e América, especialmente o Brasil), ordenando-os de forma cronológica e localizando-os no espaço geográfico.

2. *Pelo desenvolvimento das condições necessárias para que os alunos selecionem, compreendam e reflitam sobre os significados da produção, circulação e utilização de documentos (materiais ou imateriais), elaborando críticas sobre formas já consolidadas de registro e de memória, por meio de uma ou várias linguagens.*

3. *Pelo reconhecimento e pela interpretação de diferentes versões de um mesmo fenômeno, reconhecendo as hipóteses e avaliando os argumentos apresentados com vistas ao desenvolvimento de habilidades necessárias para elaboração de proposições próprias. (Brasil, 2017: 367).*

Logo a BNCC já aponta, de forma lógica, entre as Competências Específicas de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental “*compreender eventos cotidianos e suas variações de significado no tempo*”. (Brasil, 2017: 309).

Com isso, o documento deixa claro sua preocupação com a cronologia e o encadeamento de fatos no curso do tempo ao abordar entre suas Competências Específicas de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental a necessidade de “*colocar em sequência, no tempo e no espaço, acontecimentos históricos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como criticar os significados das lógicas de organização cronológica*”. (Brasil, 2017: 353).

Assim, como as demais temáticas dentro dos estudos de história, a que envolve o Paraguai e a marcante Grande Guerra continua disposta entre os conteúdos reservados para o 8º ano do Ensino Fundamental (posição que já ocupava mesmo antes da Base nacional ser discutida ou aprovada) e conta como objeto do conhecimento “*Territórios e fronteiras: a Guerra do Paraguai*” já como habilidade a ser desenvolvida: “*Identificar as questões internas e externas sobre a atuação do Brasil na Guerra do Paraguai e discutir diferentes versões sobre o conflito.*” (Brasil, 2017: 377).

A própria BNCC lembra o conflito ao o tomar como exemplo para explicar as diferentes visões e interpretações de fatos históricos e ao mesmo tempo explicar um dos procedimentos adotados para o ensino de história que visa o confronto de diferentes versões da história sobre um mesmo tema entre eles os distintos pontos de vista que envolve o caso em que “*os brasileiros trouxeram para o seu*

território um troféu de guerra: um canhão chamado ‘canhão cristiano’”. (Brasil, 2017: 369).

Portanto, com a Base Nacional Comum Curricular, espera-se atender a peculiaridades locais ao passo que se dá os primeiros passos no caminho da criação de um currículo comum para todas as regiões do país. A Base aborda diferentes temáticas e entre ela, a Guerra do Paraguai, mesmo de que forma superficial abre espaço para um prolongamento de sua discussão indo além daquilo que os livros didáticos podem oferecer na atualidade, valendo salientar que os livros utilizados na escola básica também devem mudar para atender as novas demandas e exigências a partir da aprovação da BNCC.

3 CONCLUSÕES

Muito já foi escrito sobre a Guerra do Paraguai, os textos e informações podem diferir entre si a depender de muitos fatores internos e externos a quem escreveu ou estudou um dado tema desse conflito.

A escola é, sem dúvidas, um dos principais elos (mais não o único) com a história, seu ensino e reflexão.

Assim sendo, o estudo sobre a Guerra do Paraguai no Ensino Fundamental, muitas vezes deixado de lado, tem como principal fonte o livro didático e, esse, muitas vezes deixa a desejar quanto ao seu conteúdo e dados apresentados ao resumir de forma simplória esse conflito de tanta importância para a história da América do Sul, em especial a dos países envolvidos.

Diante das discussões da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), percebe-se que o tema é tratado e até exemplificado, vindo a apresentar-se como um novo norte para o seu incremento nos livros didáticos. Espera-se, de fato, que sejam

incorporadas as mais recentes pesquisas desenvolvidas nas universidades ao passo que se discute o conflito como um todo entre seus antecedentes, batalhas e respectivas consequências e não, apenas, dados genéricos em poucas páginas ao final de um livro didático.

Portanto, para se construir a verdadeira história em bases sólidas, deve-se partir do maior número de fatos e documentos possíveis para sua construção, devendo ser ainda papel do professor, com um uso de um bom livro didático, acompanhar todo esse percurso formativo.

4 REFERÊNCIAS

Braick, Patrícia Ramos (2011): *Estudar história: das origens do homem à era digital*. 1ª Ed. Moderna, São Paulo.

Brasil (2017): *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental*. Ministério da Educação (MEC), Brasília.

Costa, Marcos (2015): *O reino que não era deste mundo: crônicas de uma república não proclamada*. 2ª ed. Valentina, Rio de Janeiro.

Doratioto, Francisco (2006): *“História das Guerras”: Guerra do Paraguai*. 1a.ed. Contexto, São Paulo.

Gutiérrez, Andrés Colmán (2013): *Acosta Ñu*. El lector, Asunción.

Narloch, Leandro (2011): *Guia politicamente incorreto da história do Brasil*. Leya, São Paulo.2011.

Nova Escola (2017): *Guia da Base*. Recuperado em 23 de junho de 2017 de www.novaescola.org.br.

Prado, Daniel Porciuncula (2003): *Guerra do Paraguai: Duas vertentes historiográficas*. Biblos (Rio Grande) - Editora da Furg, Rio Grande.